

Flexigurança

José Manuel Fernandes diz no seu editorial de 27 de Março que Portugal poderia aprender com o sistema dinamarquês da “flexigurança” (“flexicurity”) – uma combinação de despedimentos flexíveis com subsídios de desemprego generosos. Sem dúvida que sim: Portugal tem muito que aprender com comparações com outros países, a começar pelo facto demonstrado em inúmeros estudos internacionais que os contratos de trabalho permanentes em Portugal são os mais rígidos da OCDE (e dos mais rígidos do mundo), uma classificação que se manteve inalterada com o Código de Trabalho. Trata-se de uma situação que causa graves prejuízos ao país, em particular àqueles que procuram emprego: embora esta ideia raramente seja mencionada no debate público em Portugal, é óbvio que quanto mais protegido for o emprego, mais relutantes estarão os empregadores em contratar e maior será a duração do desemprego. Por outro lado, na medida que empresas não podem despedir trabalhadores incompetentes, é também óbvio que a legislação laboral portuguesa explica em muito a baixa produtividade das empresas.

No entanto, é preciso também ter presente as limitações das comparações internacionais. Por exemplo, um estudo recente, “[Civic Attitudes and the Design of Labor Market Institutions: Which Countries Can Implement the Danish Flexicurity Model?](#)”, pelos economistas Yann Algan e Pierre Cahuc, mostra que é necessário ser-se cauteloso com a aplicação do modelo dinamarquês em outros países. Em particular, países em que os cidadãos não tenham os mesmos níveis de preocupação com o bem-estar público como nos países nórdicos – leia-se a Europa do Sul – não poderão ter perspectivas de implementar com sucesso a “flexigurança”: muitos dos seus cidadãos limitar-se-iam a explorar os generosos subsídios de desemprego, sem procurar novos empregos. Enquanto as atitudes cívicas não mudarem, Portugal não poderá beneficiar das vantagens da “flexigurança” – até lá, seria importante começar a permitir que os desempregados possam pelo menos competir pelos empregos daqueles que não se esforçam por mantê-los.

Pedro S. Martins
28 Março 2006